

# ***Geolinguística, léxico e história social: o que revelam os itens lexicais ligados à ideia de morte em dados do ALERS?***

***Geolinguistics, lexicon and social history: what do the lexical items linked to the idea of death in ALERS data reveal?***

Daniel Abud Marques ROBBIN\*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Valter Pereira ROMANO\*\*

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**RESUMO:** Este é um estudo acerca da realização do português falado no Sul do Brasil a partir de dados do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (Altenhofen *et al.*, 2011) e discute resultados da dissertação de Robbin (2022). O artigo analisa denominações para três questões relacionadas à *morte*, QSL 479 (*sepultura/cova*), QSL 480 (*túmulo/carneira*) e QSL 499 (*fantasma/visagem*). Propõe-se, também, recartografiação dos dados, permitindo observação da distribuição dos itens lexicais e mapeamento de territorialidades na formação das áreas lexicais. Identificou-se a existência de duas subáreas no Paraná, uma mais ao norte, região chamada Paraná *Moderno*, de ocupação recente; e outra ao centro-sul, denominada Paraná *Antigo*, ocupada por tropeiros no período colonial. Além disso, verificou-se a atuação de duas forças linguísticas divergentes, uma partindo de São Paulo em direção ao Paraná, recobrando grande parte do estado, denominada falar paulista; e outra na porção meridional do Sul do Brasil, intitulada falar sulista, que influencia Rio Grande do Sul, porções do oeste catarinense e sudoeste paranaense, seguindo o caminho das rotas migratórias gaúchas recentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Morte. Léxico. ALERS. Geolinguística.

**ABSTRACT:** This is a study about the realization of the spoken Portuguese in Southern Brazil based on data from the Linguistic-Ethnographic Atlas of the Southern Region of Brazil (Altenhofen *et al.*, 2011) and discusses the results of Robbin's dissertation (2022). The article analyzes denominations for three questions related to death, QSL 479 (*grave*), QSL 480 (*tomb*) and QSL 499 (*ghost*). It also proposes a re-cartography of the data, allowing observation of the

---

\* Graduado em Letras - Português e Espanhol pela UFMS (Campus do Pantanal). Mestre em Linguística pela UFSC. Doutorando em Letras (Estudos da Linguagem) pela UFRGS. Professor efetivo da rede municipal de Balneário Camboriú/SC, na área de língua portuguesa. <https://orcid.org/0000-0003-2527-1694-danielabudmr@gmail.com>

\*\* Graduado em Letras Vernáculas (2009), mestre (2012) e doutor (2015) em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor adjunto na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atuando no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas (DLLV) e no Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) na linha de pesquisa contato, variação e mudança linguística. <https://orcid.org/0000-0002-8882-3188-valter.pereira.romano@gmail.com>

distribution of lexical items and mapping of territorialities in the formation of lexical areas. We identified the existence of two sub-areas in Paraná, one further north, a region called *Paraná Moderno*, of recent occupation; and another in the center-south, called *Paraná Antigo*, occupied by drovers in the colonial period. In addition, there were two divergent linguistic forces at work: one from São Paulo towards Paraná, covering a large part of the state, called the *Paulista language*; and another in the southern part of southern Brazil, called the *Sulista language*, which influences Rio Grande do Sul, parts of western Santa Catarina and southwestern Paraná, following the path of recent Gaucho migratory routes.

**KEYWORDS:** Death. Lexicon. ALERS. Geolinguistics.

## Introdução

O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS (Altenhofen *et al.*, 2011) foi uma iniciativa pioneira formulada no início da década de 1980, a partir da congregação de pesquisadores de universidades da região Sul do Brasil, UFPR (Universidade Federal do Paraná), UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Motivados pela onda crescente de monografias dialetais e atlas linguísticos estaduais no país – até a primeira metade da década de 1980, já se noticiavam ao menos três atlas estaduais realizados e já publicados (APFB; EALMG; ALPB<sup>1</sup>) – docentes das referidas universidades se reuniram no IV Encontro de Variação Linguística e de Bilinguismo da Região Sul, em 1982. Nesse encontro, definiram-se três frentes de trabalho para a descrição da situação linguística no Sul do Brasil (variação linguística, bilinguismo, atlas linguístico-etnográfico), dando-se origem a dois grandes projetos interinstitucionais, o VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul) e o ALERS.

Este trabalho está baseado em dados de língua falada na região Sul do Brasil, coletados entre os idos de 1980 e 1990 por pesquisadores do ALERS, referentes especialmente ao português rural. O artigo é um recorte de um trabalho de mestrado defendido no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2022, explorando dados cartografados no ALERS (Altenhofen *et al.*, 2011). O objetivo geral do texto é apresentar traçados geolinguísticos marcantes na

---

<sup>1</sup> APFB (Atlas Prévio dos Falares Baianos (Rossi *et al.*, 1963); EALMG (Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (Ribeiro *et al.*, 1977); ALPB (Atlas Linguístico da Paraíba (Aragão, Bezerra de Menezes, 1984). Outras informações sobre os atlas mencionados e sobre a história dos estudos geolinguísticos no Brasil podem ser encontrados em Romano (2013), *Balanço Crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão*.

configuração geossociolinguística do Sul do Brasil, dialogando com estudos já realizados sobre as áreas linguísticas do português falado no Sul do Brasil (Altenhofen, 2002; Romano, 2015). Para tanto, propôs-se a recartografia de cartas linguísticas do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil, evidenciando, a partir da ferramenta SGVclin (Software para visualização e geração de cartas linguísticas) elaborada por Romano, Seabra e Oliveira (2014), a configuração de territorialidades linguísticas materializadas no vocabulário dos falantes.

As três questões semântico-lexicais e suas respectivas cartas linguísticas tomadas por base para a análise foram extraídas do ALERS (Altenhofen *et al.*, 2011):

- Carta Nº 295, QSL 499, “algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou casas mal-assombradas, que se diz que é do outro mundo”;
- Carta Nº 290, QSL 479 “...o buraco na terra onde vai ficar o morto?” e
- Carta Nº 291, QSL 480 “Se o morto fica num lugar acima da terra, onde ele fica?”.

Realizou-se, nesse âmbito, uma análise geolinguística das denominações levantadas, entendendo-as como repercussões da configuração linguístico-cultural de territorialidades na região Sul do Brasil.

## **1 Geolinguística, léxico e história social: relações e caminhos de estudo**

No ramo dos estudos linguísticos que se ocupa das relações entre língua e sociedade há uma série de disciplinas envolvidas, dentre as quais: Sociolinguística, Sociologia da Linguagem, Etnolinguística e Geolinguística. Partindo de métodos diferentes, essas disciplinas possuem ao menos um objetivo em comum: a descrição da realidade linguística, partindo de algum dos níveis da língua, quer seja o fonético-fonológico, quer seja o morfossintático, ou ainda, o nível lexical.

O léxico é um dos níveis mais movediços da língua, pois carrega consigo a visão de mundo dos falantes, suas crenças, ideologias, além das mudanças na configuração social, cultural e espacial da vida cotidiana. Nesse sentido, os estudos lexicais podem revelar o que há por trás da materialidade das palavras, principalmente se em interface com os estudos da linguagem em contexto socioespacial. Nas palavras de Isquierdo (2009,

p. 43), “as migrações do homem se traduzem também em migrações de palavras que ora se fixam na fala de determinados grupos sociais, ora são substituídas por outras que melhor traduzam a realidade sociocultural desses grupos”, gerando, assim, uma variedade de formas de pensar e dizer o mundo a partir da identidade do indivíduo e do grupo em que este se insere.

Quando esse grupo passa a migrar, ocupar novos territórios e entrar em contato com novas variedades linguísticas, acaba trazendo ao seu novo convívio grande parte do próprio repertório vocabular já adquirido e, conseqüentemente, as próprias vivências, práticas socioculturais, crenças de mundo, ideologias e valores construídos a partir da experiência e da transmissão geracional de saberes.

A relação entre Geolinguística, léxico e História Social se dá à medida que os estudos da Geolinguística, os quais serão enfocados neste trabalho, trazem uma preocupação de, para além de observar a distribuição de unidades do léxico no espaço das cartas linguísticas, explicar o porquê dessa distribuição linguística. Além da possível origem das unidades lexicais estudadas, os estudos geolinguísticos buscam correlacionar de que forma tais vocábulos se fixaram em determinada localidade, partindo de alguns fatores de base sócio-histórico-cultural.

A História Social é fonte essencial para que se possa compreender como os fenômenos ocorridos em certas épocas afetaram a língua de um povo e, ainda, sua cultura, já que o léxico é testemunha da origem e da evolução da cultura de um povo, configurando um fenômeno social dinâmico. Isso é balizado pelas palavras de Seabra (2015, p. 73):

Partindo-se do princípio de que a língua se evidencia como parte da cultura de uma sociedade e que é através do sistema linguístico, mais especificamente do seu léxico, que os indivíduos se expressam e expressam seus valores, construindo a sua história, faz-se, pois, necessário estudar a língua inserida na cultura.

Essa passagem comprova que não se pode estudar o léxico no vácuo, isolado de fatores sociais, apartado da interpretação da influência da história social de uma comunidade em seu respectivo acervo lexical, já que a palavra é um conceito relativo, que vive no seio de uma sociedade, variando na forma e nos significados apreendidos de povo para povo. A Geolinguística, nesse âmbito, com seu aparato metodológico refinado, também vem se mostrando uma abordagem criteriosa para a descrição da relação de

fenômenos lexicais com o espaço. Isquierdo (2006, p. 22) aponta que:

[...] esse estudo não pode estar desvinculado da dimensão histórico-social da linguagem, considerando-se que é no âmbito de um grupo social que a norma se instaura, é disseminada ou fica confinada a determinados espaços geográficos, dependendo das características socioculturais desse grupo.

Tomando por base essa relação possível entre Geolinguística, léxico e História Social, podem-se retomar os condicionadores que Altenhofen (2006) menciona como relevantes para a compreensão de fenômenos geolinguísticos:

**Quadro 1 - Fatores importantes para a compreensão da arealização de itens lexicais nos estudos geolinguísticos.**

<b>Fator</b>	<b>Definição</b>
Sócio-histórico	Refere-se à ordem de chegada dos grupos na área estudada e seu pertencimento étnico, além da cronologia da localidade, as rotas de imigração e os tipos de contatos linguísticos entre diferentes variedades linguísticas. No Sul do Brasil, estudos como o de Margotti (2004) revelam a importância das colônias novas e das colônias velhas, no tocante à imigração italiana, para a difusão sócio-geográfica de certas variantes linguísticas.
Físico e geográfico	Em nível mais específico, referem-se às vias ou barreiras de comunicação, sejam elas físicas ou culturais, a exemplo da presença/ausência de rios, ferrovias e rodovias que permitem/bloqueiam eventuais formas de contato linguístico. Isquierdo (2009) examina a importância histórica e econômica do Rio Paraguai na fixação espacial de determinados itens lexicais ao longo do curso dessa bacia hidrográfica.
Contatual	Percebe-se a influência dessa dimensão quando houve manutenção da variedade linguística de origem, ou substituição por outras variedades. Deve-se levar em conta, ainda, o ritmo dessa substituição e os condicionadores sociais envolvidos. Rocha (2008) analisa a relevância do contato linguístico entre brasileiros e hispanos nos limites da região Sul do Brasil, com impactos notáveis a nível lexical ainda nos dias atuais.

Diacrônico e diageracional	A diferenciação na fala de mais jovens e mais idosos, no nível lexical, pode demonstrar uma tendência a um grau maior de conservadorismo ou a um grau maior de inovação linguística a partir da faixa etária dos falantes, e de eventuais condicionadores sociais correlacionados, como gênero e escolaridade. Robbin e Silva (2022), ao analisarem vocábulos referentes à “nome da mulher que vive o tempo todo na igreja”, na cidade de Corumbá/MS, observam uma maior tendência dos mais velhos conservarem itens lexicais tradicionais na cultura popular, como <i>beata</i> e <i>carola</i> , sendo que esses vocábulos vão perdendo lugar, progressivamente, na fala dos mais jovens.
----------------------------	---

**Fonte:** Elaboração dos autores, com base em categorização proposta por Altenhofen (2006).

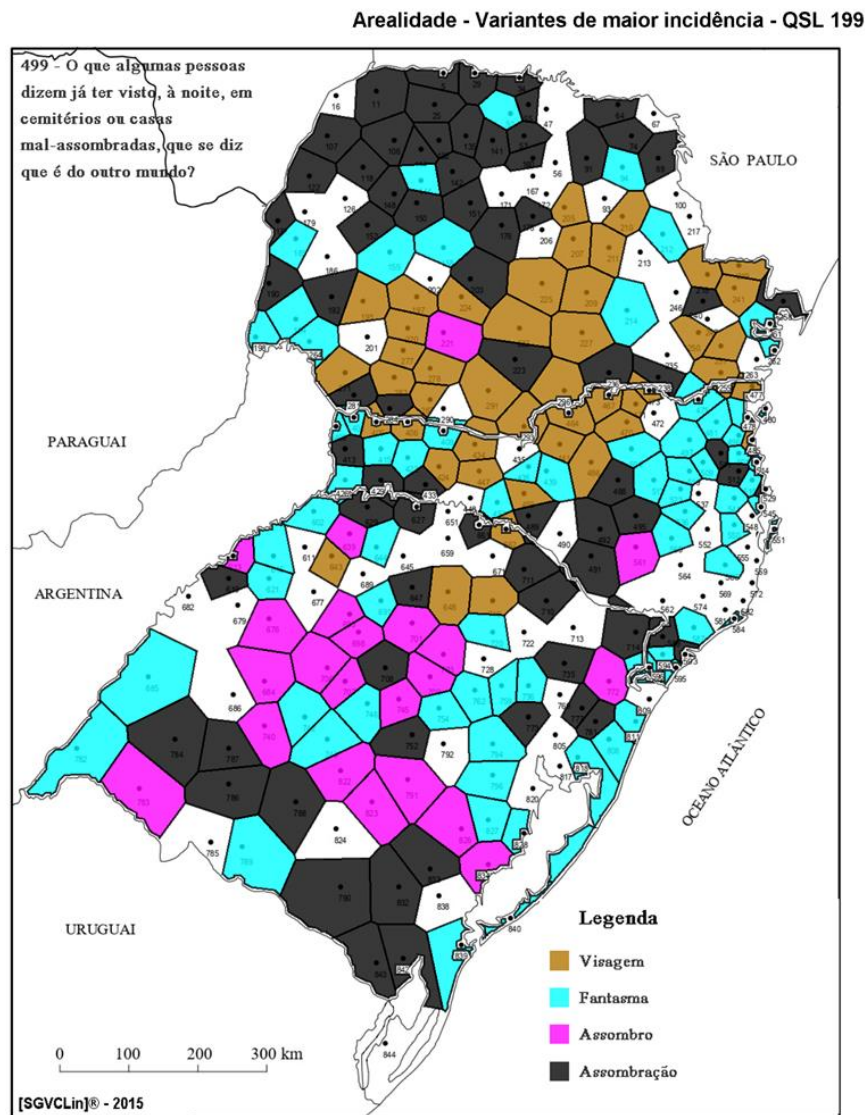
Esses fatores podem ajudar a revelar, por exemplo, por que determinadas localidades utilizam um item lexical, enquanto outros territórios têm preferência por outra unidade do léxico.

## **2 A relação entre geolinguística, léxico e história social em dados do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil) para quatro questões semântico-lexicais**

Nesta seção, são apresentadas análises atinentes às três questões semântico-lexicais do ALERS mencionadas na introdução do artigo, e os respectivos resultados da pesquisa. A análise é realizada a partir de dados concernentes às questões semântico-lexicais 499: aquilo que “algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou casas mal-assombradas, que se diz que é do outro mundo”, 479: “...o buraco na terra onde vai ficar o morto?” e 480 “Se o morto fica num lugar acima da terra, onde ele fica?”, pois as três apresentaram revelações detalhadas sobre a influência de processos históricos, tais como ocupação, rotas migratórias e contatos linguísticos intervaretales (Robbin, 2022).

Gerando-se uma nova carta linguística com os dados da QSL 499, chegou-se a uma carta de arealidade, tipo de mapa linguístico não utilizado até este estudo com os dados originais do ALERS, evidenciando o espaço ocupado por cada unidade lexical na configuração espacial do Sul do Brasil. Esse tipo de carta foi gerado com o auxílio da ferramenta SGVCLin (Romano; Seabra; Oliveira, 2014).

**Figura 1 - Distribuição espacial dos itens lexicais de maior incidência no Sul do Brasil no âmbito da QSL 499**



Fonte: Robbin (2022, p. 96).

O traçado geolinguístico desta carta de arealidade demonstra algumas tendências na difusão de determinadas variantes.

Em primeiro lugar, o item lexical *visagem* está presente no centro-sul do Paraná, região que Altenhofen (2002) denomina de Paraná *Antigo*, onde houve um processo migratório de base paulista a partir das antigas rotas dos tropeiros entre os séculos XVII e XVIII. Esse processo migratório deixou traços linguísticos do português paulista colonial na região Sul do Brasil, sobremaneira no que se denomina corredor central de projeção paranaense (Altenhofen, 2002), que apresenta prolongamentos para o Planalto

Norte Catarinense, na arealização de *visagem*, e também pelo oeste catarinense e noroeste do Rio Grande do Sul, em menor escala, onde *visagem* está presente em ao menos um ponto de inquérito.

A Figura 2 reafirma a influência dos tropeiros na área mencionada neste estudo.

**Figura 2 - Rota dos Tropeiros no Sul do Brasil**



**Fonte:** Adaptado de Chofard (2022, p. 392).

Acredita-se que a tese de Chofard (2023), intitulada *Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros*, poderá dar conta de muitas questões concernentes à influência tropeira no Sul do Brasil e em localidades paulistas por onde o movimento teve sua importância sócio-histórica registrada, com Itararé, Itapeva, Itapetininga e Sorocaba.

A partir desse mapa, infere-se que o item lexical *visagem* pode ser um remanescente do português paulista da época dos tropeiros, fruto do Caminho de Viamão e do Caminho de Vacaria dos Pinhais, tomando-se por base a arealização no centro-sul do Paraná e no Planalto Norte Catarinense, e também como reminiscência do Caminho das Missões, levando-se em consideração a presença do item lexical referido no oeste



catarinense e, em menor escala, no nordeste gaúcho. Todavia, não é possível comprovar essa hipótese com a análise de somente uma carta linguística. Por isso, neste artigo, são trazidos à baila dados convergentes com essa hipótese, atinentes a outra questão semântico-lexical do ALERS analisada, a QSL 479.

Essas áreas são influenciadas, portanto, por um falar de base paulista. Todavia, há que se pensar na influência do fator cronológico, pois os paulistas migraram para o Paraná em ao menos dois períodos distintos.

Além da colonização tropeira em meio ao período colonial, impactando na configuração linguística do Centro-Sul do Paraná, do Planalto Norte Catarinense e da Região das Missões, no Noroeste gaúcho, os paulistas lideraram, junto com mineiros e outros grupos de migrantes, um processo migratório recente, na ocupação do espaço que Altenhofen (2002) denomina Paraná *Moderno*. Sobre esse assunto, Ribeiro (2021), citando Martins (1941) em sua tese, *Atlas Linguístico do Norte pioneiro do Paraná*, ressalta a diversidade na composição étnica da população dessa localidade.

[...] o povoamento do Norte Pioneiro, em sua maioria, ocorreu de maneira diversa, com formação de latifúndios por migrantes mineiros e paulistas, e imigrantes japoneses, italianos e alemães, atraídos pelas terras férteis e devolutas. Quanto a isso, o jornalista, político e historiador Romário Martins, apresenta detalhadamente as nacionalidades que chegaram no Paraná entre 1829 e 1934: poloneses (47.731), ucranianos (19.272), alemães (13.319), italianos (8.798) e pequenos grupos (9.826), compostos por franceses, austríacos, suíços, ingleses, holandeses, islandeses, russos, búlgaros, rumáicos, suecos, noruegueses, tcheco-slovacos, gregos, húngaros, dinamarqueses, lituanos, egípcios, portugueses, espanhóis, japoneses, argentinos e paraguaios (Martins, 1941, *apud* Ribeiro, 2021, p. 39).

Essa área, na Figura 1, é coberta, em grande parte, pelo item lexical *assombração*, refletindo-se no norte e noroeste paranaense como possível reflexo da imigração a partir da década de 1920, principalmente dos paulistas e mineiros, atraídos pelo cultivo do café na região, e pela subsequente transformação do espaço regional.

Ainda com relação às unidades lexicais arroladas na Figura 1, tem-se *fantasma*, que, apesar da distribuição maciça pelo Sul do Brasil, apresenta uma área mais homogênea na porção nordeste de Santa Catarina, especialmente no litoral norte catarinense, também tendo presença bem demarcada no litoral gaúcho. Isso pode ser interpretado como um traço de herança luso-açoriana, a partir do que Furlan (1989) categoriza como falar açoriano-catarinense, atestado por estudos subsequentes (Koch,

2000, *apud* Altenhofen, 2002).

Por fim, ainda relacionado à QSL 499, *assombro* se mostra como um item lexical tipicamente gaúcho, pois está arealizado majoritariamente no Rio Grande do Sul, com presença somente em dois pontos de inquérito fora desse estado. Pode ser uma mostra do que Altenhofen (2002) denomina falar riograndense, que se opõe ao falar paranaense, devido a dois movimentos migratórios distintos. O falar paranaense estaria influenciado por traços linguísticos paulistas, ao passo que o falar riograndense estaria presente na maior parte do Rio Grande do Sul, com prolongamentos pelo oeste catarinense e sudoeste paranaense, por conta da expansão migratória gaúcha pela margem oeste do Brasil, até porções do Mato Grosso, conforme já atestado em estudos como os de Figueiredo (2014), *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervareta no Mato Grosso*.

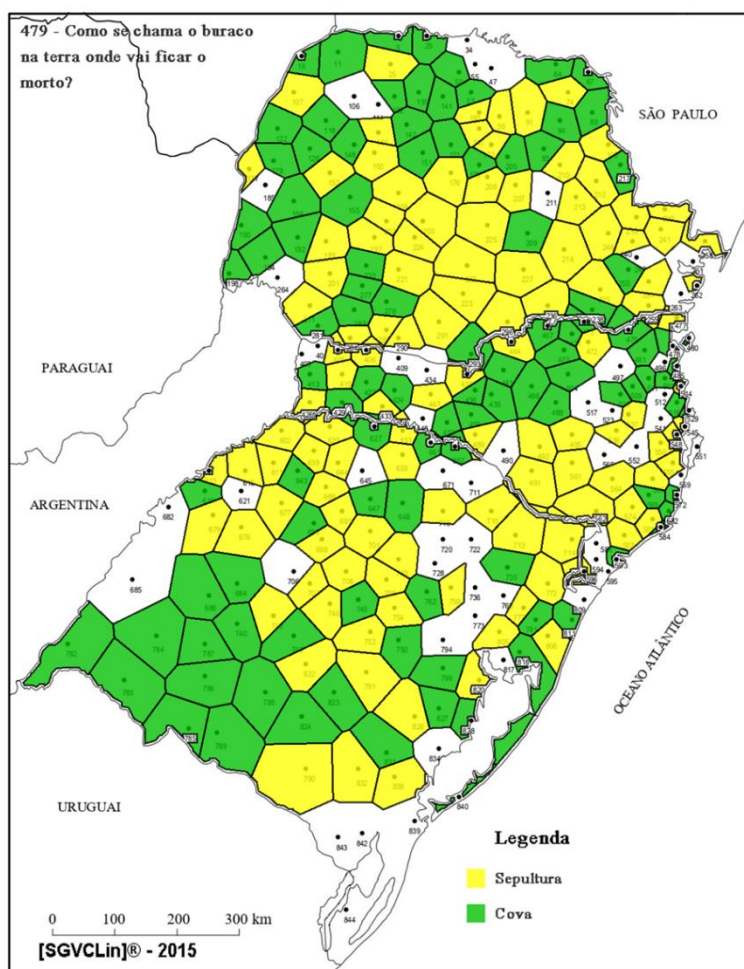
Essa influência gaúcha no sentido oeste do Sul do Brasil não fica evidente na primeira imagem, porém a figura 3 deve demonstrar alguma convergência com a hipótese apresentada, quanto ao movimento migratório gaúcho em rota oposta ao movimento migratório paulista.

Romano (2015), em sua tese, *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*, apresenta contribuição para a área ao propor que na região Sul do Brasil circulariam dois grandes falares ou áreas de abrangência linguística: o falar paulista, com influência principalmente no Paraná, e o falar gaúcho, com influência no Rio Grande do Sul, porções do oeste catarinense e sudoeste paranaense.

Acrescenta-se que aquilo que Altenhofen (2002) denomina falar paranaense e que Romano (2015) designa falar paulista parece se dividir em dois subfalares, a partir do exposto em Robbin (2022), se tomado por base o critério da diacronia. Um subfalar é oriundo da leva migratória de influência tropeira, carregando traços paulistas antigos ainda latentes principalmente no centro-sul do Paraná, o que se denomina, neste artigo, de falar do *Paraná Antigo*, e outro é originado da corrente migratória paulista recente, ao qual denomina-se falar do *Paraná Moderno*, ocupando sobretudo a porção setentrional do Paraná.

Recartografando-se a questão semântico-lexical 479 do ALERS (Altenhofen *et al.*, 2011), chega-se à Figura 3:

**Figura 3 - Distribuição espacial dos itens lexicais de maior incidência no âmbito da QSL 479 do ALERS (Altenhofen *et al.*, 2011)  
Arealidade - Variantes mais produtivas - QSL 479**



Fonte: Robbin (2022, p. 118).

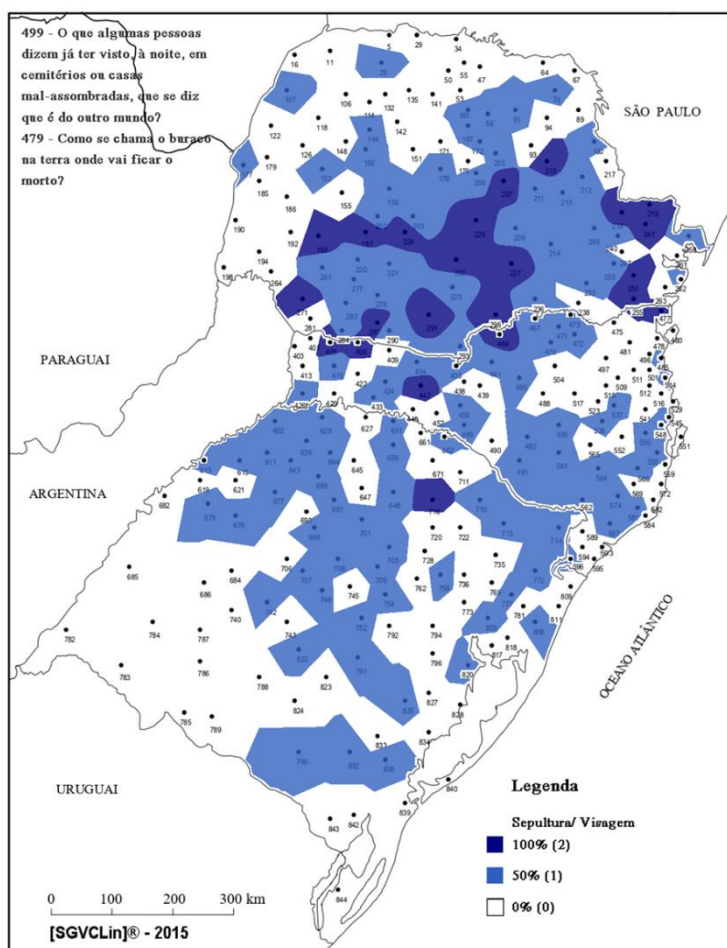
Essa carta linguística reafirma a divisão entre dois subfalares no estado do Paraná. O item lexical *sepultura* está arealizado majoritariamente na região centro-sul do Paraná, o assim chamado *Paraná Antigo*, ao qual credita-se a influência paulista-tropeira. Já o item lexical *cova*, não obstante sua presença no extremo sul do Rio Grande do Sul, especialmente junto à fronteira uruguaia, e em porções de Santa Catarina, apresenta uma área de incidência relativamente homogênea ao norte e noroeste do Paraná, ou seja, aquilo que aqui se convencionou denominar falar do *Paraná Moderno*, de influência paulista recente.

Altenhofen (2008) também já havia discutido no artigo *Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no Sul do Brasil* a existência dessas subáreas, as quais denominou como Zona lateral do Paraná do Norte e Zona lateral do

Paraná do Sul.

Produziu-se, como forma de verificação da coincidência espacial das variantes lexicais *sepultura* (QSL 479) e *visagem* (QSL 499) a próxima carta linguística (Figura 4).

**Figura 4 - Arealidade gradual dos vocábulos *sepultura* e *visagem***  
**Arealidade gradual - Sepultura/Visagem**

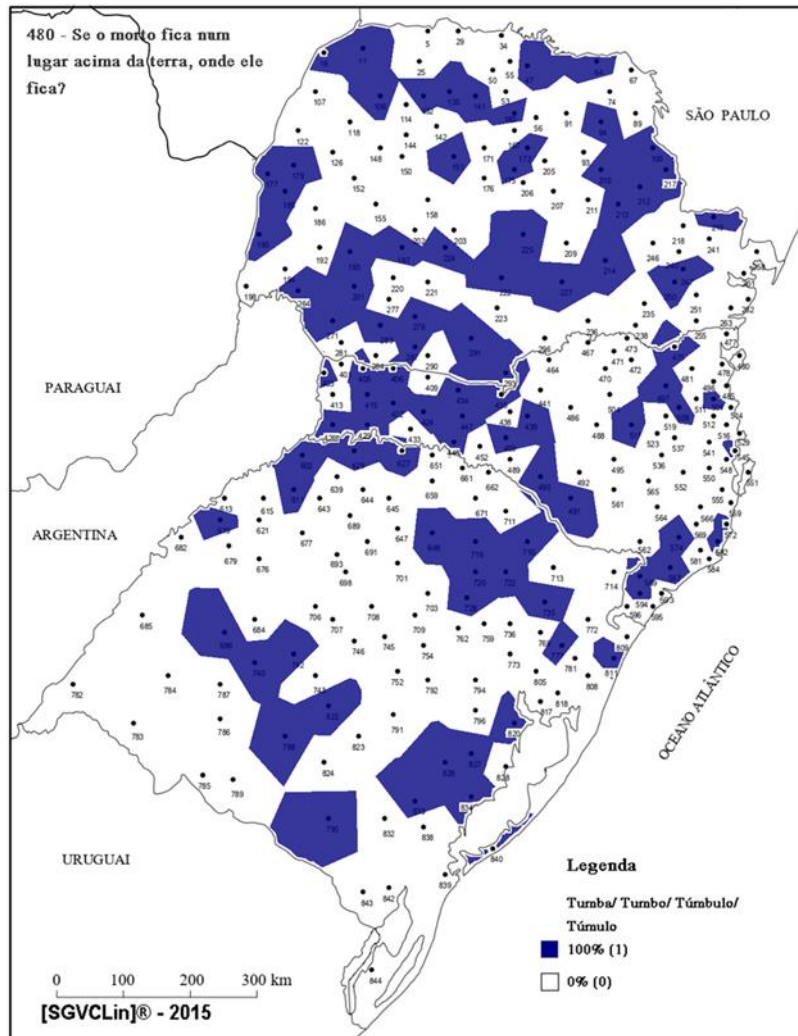


Fonte: Robbin (2022, p. 120).

A área identificada em azul-escuro no mapa, principalmente na porção central do Paraná, é a que defendemos ser a área de circulação do falar do *Paraná Antigo*. Trata-se de uma área coincidente entre os itens lexicais de duas questões distintas, *sepultura* e *visagem*. Estudos futuros com outros dados do ALERS poderão trazer mais elementos comprobatórios à existência do subfalar do *Paraná Antigo*, que acreditamos, ainda, estender-se para porções do Planalto Norte e Oeste catarinenses e Nordeste gaúcho.

Por fim, apresenta-se, nesta seção, os dados atinentes à QSL 480 (ALERS) e sua respectiva recartografia linguística.

**Figura 5 - Arealidade gradual do item lexical *túmulo* no Sul do Brasil**  
**Arealidade gradual - Túmulo**



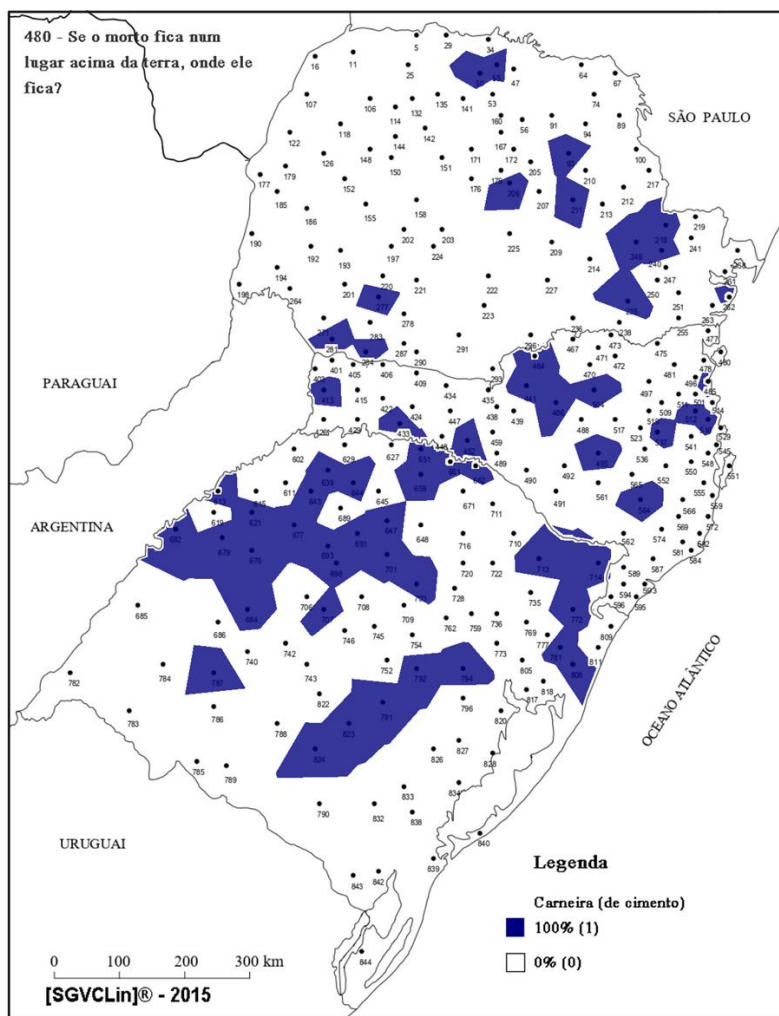
Fonte: Robbin (2022, p. 133).

Com base na distribuição espacial do vocábulo *túmulo*, no âmbito de denominação para o conceito expresso na QSL 480 (ALERS) “Se o morto fica num lugar acima da terra, onde ele fica?”, percebe-se a sua maior presença nos estados do Paraná e Santa Catarina, especialmente no centro-sul do Paraná, área correspondente ao corredor central de projeção paranaense (Altenhofen, 2002), corredor esse que cruza o Paraná desde o limite com São Paulo até a fronteira com o Paraguai, de forma regular, e também em porções do norte e noroeste paranaense. Tomando por base a hipótese que está se discutindo, atribui-se, se correlacionado léxico à história social regional, esse vocábulo como procedente possivelmente do falar paulista. Também está presente no Planalto

Norte e no Oeste Catarinenses, além do nordeste gaúcho, na região das Missões, áreas de abrangência das três rotas migratórias tropeiras que passaram pelo sul do Brasil até o século XIX.

O item lexical *carneira*, por sua vez, apresenta arealização no sentido oposto a *túmulo*, conforme pode ser observado na Figura 6.

**Figura 6 - Arealidade gradual do item lexical *carneira* no Sul do Brasil**  
**Arealidade gradual - Carneira**



Fonte: Robbin (2022, p. 135).

Observa-se a ausência dessa unidade lexical na maior parte do estado do Paraná, o que permite vinculá-lo como um traço da área de abrangência sulista ou rio-grandense, na área classificada por Altenhofen (2002) como corredor oeste de projeção rio-grandense. Esse vocábulo está presente, em menor escala, no oeste catarinense e em

porções do sudoeste paranaense, podendo refletir justamente o movimento migratório gaúcho em direção à porção setentrional do Brasil. A sua presença é marcante nas áreas nas quais não prevalece o item lexical *túmulo*, enquanto sua ausência é praticamente total na porção central do Paraná, área de maior prevalência de *túmulo*.

## Considerações finais

À guisa de conclusão, observou-se, com a pesquisa cujos resultados foram discutidos neste artigo, a existência de dois grandes falares na Região Sul do Brasil, um deles é a área de abrangência paulista, com grande influência no Paraná. Nesse espaço, predominam itens lexicais como *sepultura*, *túmulo*, *assombração* e *visagem*. Ressalta-se a existência de dois subfalares na área paulista-paranaense, o falar do *Paraná Moderno*, de influência paulista recente (norte e noroeste) e o falar do *Paraná Antigo*, de influência paulista tropeira (centro-sul, com prolongamentos em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a partir dos caminhos tropeiros existentes até o século XIX).

Associa-se, especificamente, *sepultura* e *visagem* ao falar do *Paraná Antigo*, enquanto *assombração* e *cova* estariam mais atrelados ao universo lexical do *Paraná Moderno*.

Há, ainda, outra grande área linguística no Sul do Brasil, a de interferência sulista ou de influência rio-grandense, predominante no Rio Grande do Sul, com prolongamentos a oeste catarinense e sudoeste paranaense, devido ao fator migração. Nessa segunda grande área, prevalecem itens lexicais como *assombração* e *carneira*.

Desse modo, evidencia-se a influência da história social da localidade, a exemplo do fator **forma e cronologia de ocupação**, mais relevante na construção da análise dos dados desta pesquisa, na forma de falar de certos povos e comunidades linguísticas. São os rastros do homem e da sua intervenção no espaço físico e social, eternizados na cultura, entendendo-se principalmente o léxico da língua, nesse contexto de observação, como um instrumento de conservação, difusão e testemunha da cultura. Ademais, o estudo ratifica a importância de estudos decorrentes dos dados espelhados nos atlas já publicados como forma de detalhar a realidade linguística dos espaços geográficos documentada com o rigor metodológico da Geolinguística.

## REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas lingüísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). **Varição e mudança no português falado na Região sul**. 1ed. Pelotas: Educat - Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002, p. 115-145.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Interfaces entre dialetologia e história. In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (Orgs.). **Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Os contatos lingüísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ESPIGA, Jorge; ELIZAINCÍN, Adolfo. (Orgs.). **Español y portugués: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos**. Pelotas: EDUCAT, 2008, v., p. 129-164.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo; MERCER, José Luís da Veiga; MARGOTTI, Felício Wessling; KOCH, Walter; VIEIRA, Hilda Gomes; FURLAN, Oswaldo Antônio; AGOSTINI, Basílio. **Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Editora da UFSC, 2011. v. 1. 960p.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa. **Atlas Lingüístico da Paraíba**. Brasília: UFPB, CNPQ, Coordenação Editorial, 1984.

CHOFARD, Amanda; MARGOTTI, Felício Wessling. Atlas Lingüístico da Rota dos Tropeiros: considerações teórico-metodológicas. In: SILVA, Greize Alves da; ROMANO, Valter Pereira (Orgs.). **Tendências da Geolingüística brasileira e a nova geração de Atlas Lingüísticos**. 1 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 381-400.

CHOFARD, Amanda. **Contatos intervaretais das variedades sul-riograndense e paulista nos dados do Projeto Atlas Lingüístico da Rota dos Tropeiros**. 2023, 305f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. **Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervareital no Mato Grosso**. 2014, 299f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2014.

FURLAN, Oswaldo Antonio. **Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina**. Florianópolis: EDUFSC, 1989.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. **Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Impresso)**, v. 50, p. 09-23,



2006.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras... In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs). **Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 42-59.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. 2004, 314f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

RIBEIRO, Thiago Leonardo. **Atlas linguístico do norte pioneiro do Paraná: ALINPIPR**. Tomo I: 224f.; Tomo II: 208f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências de Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2021.

ROBBIN, Daniel Abud Marques. **Entre sepulturas e jazigos de visagens que bateram as botas: descrição geolinguística e semântico-lexical de cartas do ALERS**. 2022. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

ROBBIN, Daniel Abud Marques; SILVA, Rosangela Villa da. Variação lexical e descrição semântica do item "mulher que vive o tempo todo na igreja" na cidade de Corumbá/MS. In: PARAVISINE; Adriana Viana Postigo; BARUKI-FONSECA, Regina; BARREDA, Suzana Vinicia Mancilla (Orgs.). **Veredas da linguagem: produção acadêmica nos cursos de Letras do CPAN/UFMS**. 1 ed., Campo Grande: Ed. UFMS, 2022, p. 69-100.

ROCHA, Patrícia Graciela da. **O português de contato com o espanhol no Sul do Brasil: empréstimos lexicais**. 2008, 148f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v.13, nº 02, p. 203-242, jul./dez. 2013.

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil**. 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2015. Volume 1: 296f. Volume 2: Uma carta introdutória, 71 cartas linguísticas e 10 relatórios.

ROMANO, Valter Pereira.; SEABRA, Rodrigo Duarte ; OLIVEIRA, Nathan. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, p. 119-151, 2014.

RIBEIRO, José *et al.* Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1977.

ROSSI, Nelson *et al.* **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, Cultura, Léxico. In: SOBRAL, Gilberto; LOPES, Norma; RAMOS, Jânia (Org.). **Linguagem, Sociedade e Discurso**. 1ªed. São Paulo: Blucher, v. 1, p. 65-84, 2015.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. A Brazilian Contribution for Automated Linguistic Cartography. **American Journal of Linguistics**, v. 3, p. 27-40, 2014.